



As Leoas de Teerão

ROMANCE

«Um retrato comovente de amizade e coragem.»

KIRKUS REVIEWS

MARJAN KAMALI

TOP
SEL
LER

Dedicado às mulheres corajosas do Irã.

Quando a minha vida já nada era,
Nada para além do tiquetaque de um relógio de parede,
Descobri que tinha,
Que precisava absolutamente
De amar perdidamente.

Farugh Farrokhzad, *The Window*

As ondas oceânicas começam o seu percurso a milhares de milhas da costa. A forma, o tamanho e a configuração que têm dependem da velocidade dos ventos prevaletentes na atmosfera, da força das correntes submarinas invisíveis e do seu «longo alcance» — a distância entre o ponto de origem e o ponto de chegada de cada vaga... Acontecimentos que parecem surgir no presente vindos do nada têm, na verdade, uma larga história por trás.

George Lipsitz, *Footsteps in the Dark*

Primeira Parte

UM

Dezembro de 1981

Ali estava eu, no soalho envernizado — uma mulher pequena, vestida de preto, com um crachá retangular no peito, indicando o meu nome. O meu aspeto cuidado e contentado era calculado de forma a não parecer somente satisfeita, mas sim discretamente superior. Na América, eu tinha aprendido que o segredo para se ser uma vendedora de sucesso era agir como se fizesse parte da elite; como se borrifar perfume nos pulsos de veias azuis de clientes fosse um favor que lhes fizesse.

Um mar de nova-iorquinas altivas desviava-se para evitar as minhas borrifadelas. Graças a Deus pelas mais terra-a-terra — pelas cozinheiras e pasteleiras que subiam ao piso térreo vindas da secção de produtos para a casa, à venda na cave —, demasiado cordiais para rejeitarem as gotículas fragrantas que eu oferecia. Notas de laranja, lírio, jasmim e rosa aninhavam-se nas linhas das palmas das minhas mãos e nas fibras das minhas roupas.

— Olha só para ti, Ellie! Não tarda vais estar à frente da marca inteira. É melhor pôr-me a pau! — sussurrou-me ao ouvido a minha amiga e colega Angela, ao regressar do intervalo para fumar um cigarro e colocando-se ao meu lado. O cheiro da pastilha elástica *Hubba Bubba* que mascava não lhe disfarçava o hálito a tabaco.

Estremeci com o fedor. Aquelas notas amargas e ácidas haveriam sempre de me trazer à memória uma noite de muito tempo

antes, no Irão. A noite em que um ato de traição alterou todo o rumo da minha amizade com a Homa e tanto a minha vida como a sua.

Estava uma pilha de nervos desde a noite anterior, desde que tinha lido a carta da Homa.

Enjeitei os elogios da Angela, disse-lhe que não estava a sair-me assim tão bem, na verdade, e que me doía a cabeça porque não tinha comido nada durante todo o dia.

— Até sou capaz de desmaiar — acrescentei, com um laivo de melodrama.

Foi um alívio quando uma cliente exigente a levou.

A minha mãe sempre disse que a inveja dos outros convida o mau-olhado. Dizia-me muitas vezes que ser-se visto como demasiado competente, feliz ou bem-sucedido podia chamar o azar. Eu sabia que tinha de deixar de acreditar nos poderes da inveja dos outros e no enguiço de um mau-olhado. Mas, aos trinta e oito anos, no meio daquele centro comercial enorme de Manhattan, continuava inconscientemente nas garras da superstição.

Era impossível escapar à verdade de quem eu era. Tampouco à falha que tinha passado anos a tentar abafar e apagar.

A culpa nunca deixara de ser minha.

De manhã cedo, no nosso apartamento no Upper East Side de Manhattan, o meu marido, o Mehrdad, tentara reconfortar-me com o pequeno-almoço. Preparou torradas com queijo feta e compota de cereja. Fez chá de bergamota. Mas eu não conseguia comer nem beber o que quer que fosse. A receita da compota era da Homa. O chá de bergamota, no bule branco decorado com duas rosas cor-de-rosa, fazia-me pensar nela. Com a chegada da carta, a sua ausência tornou a dominar a minha vida.

Ao ver o envelope com o rebordo azul e vermelho a indicar correio aéreo, tinha partido do princípio de que seria da minha mãe e conteria a mistura habitual de queixas e novidades acerca da perigosa situação política no Irão. Eu sabia que aquelas cartas provavelmente eram abertas e lidas por forças do regime, mas,

com frequência, a minha mãe não se preocupava com isso e escrevia sem rodeios: *Já viste a tua sorte, Ellie? Foste-te embora e escapaste às manifestações violentas e aos motins ensurdecedores. Não tens de ver o nosso país a regredir à Idade Média. As mulheres deste país perderam décadas, não, séculos, de direitos! Fico contente por estares confortavelmente aí na América com o teu marido professor. Ainda bem que saíste daqui!*

Mas, quando tirei o papel de cebola do envelope e o desdobrei, o meu coração quase parou. Ali estava a inconfundível letra cheia de arabescos da minha velha amiga Homa.

Quando éramos pequenas, sentávamo-nos na mesma carteira da escola primária, na baixa de Teerão. Juntas, rabiscávamos a macaca no chão do nosso bairro e corríamos para a escola com as mochilas a bater-nos nas ancas. Com ela, eu zigzegagueava pelos labirintos do Grande Bazar e partilhava sanduíches de gelado e sonhos das mulheres que seríamos quando crescêssemos. Na sua cozinha de pedra, aprendi a cozinhar. De mãos dadas, saltávamos as maiores fogueiras. Quando percorremos a cordilheira Elburz e víamos Teerão lá do alto, era como se o mundo pudesse ser completamente nosso.

Até que um momento de descuido impressionante deu cabo de tudo isso.

Ao longo dos últimos dezassete anos, tínhamos estado *ghaar* — propositadamente afastadas —, sem contacto algum, exceto um encontro inesperado. Agora, eu tinha a sua carta nas mãos. Como teria sabido onde me encontrar? Só podia ter conseguido a morada através da minha mãe.

Uma página da carta estava cheia de perguntas sobre a minha vida na América. E outra era sobre a sua situação no Irão. Gozava de boa saúde (*pressão nos seios nasais, mas nada mais*), o tempo (*frio mas delicioso nas montanhas — lembras-te daquele salão de chá a que íamos?*) estava de acordo com a estação, o seu trabalho como professora mantinha-a ocupada. Mas a sua mente não estava em paz (*Não reconhecerias este país, Ellie. Não sei onde foi que errámos*). Ao fundo da página, uma frase acerca da Bahar, sua filha, e sobre

como esta adorava cantar. Terminava a carta escrevendo: *Podes telefonar-me, Ellie? Por favor. O meu número é o 272963. Preciso de falar contigo. É urgente.*

Depois de ter contado ao Mehrdad que recebera aquela carta, ele abraçou-me e disse-me num tom delicado:

— É bom que ela tenha entrado em contacto. Vocês eram melhores amigas. Está na altura de porem tudo em pratos limpos, Ellie. Fala com ela.

Quem me dera que fosse assim tão simples.

Eu não podia culpá-la por ter cortado o contacto comigo. Mas agora, quando ela esvoaçava de novo para a minha vida, cheia de inocência e energia, criava uma cratera de perguntas com a sua despedida: *É urgente.*

No final do turno, tirei o crachá, guardei-o na gaveta do balcão e peguei no casaco quente castanho e nas perneiras às riscas.

Enquanto me apressava pela rua para a estação de metro, o ar frio de dezembro trazia-me o aroma a frutos secos torrados de rulotes e o diesel dos escapes sibilantes dos autocarros urbanos. Homens barrigudos e de ar cansado vestidos de Pai Natal tocavam sinos, apontavam para os seus baldes metálicos e gritavam: «Feliz Natal!» Fitas douradas e prateadas emolduravam o interior das montras e árvores com ornamentos brilhantes cintilavam atrás de vitrinas. O frio fazia o meu hálito flutuar em círculos visíveis no ar.

As palavras da carta da Homa ressoavam-me na cabeça. De repente, um táxi guinou demasiado perto de mim e apitou ruidosamente. Senti um aperto no coração ao recordar outro momento em que um automóvel quase me atropelara. Mas, desta feita, o único estrago foi o de água suja de uma poça a ensopar-me as perneiras.

Uma tabuleta de néon de uma pizzaria piscava em vermelho e amarelo junto à entrada do metro. Pensar em comer uma fatia provocou-me uma tontura.

Desde que chegara a Nova Iorque, quase quatro anos e meio antes, tinha percorrido o Central Park, visitado museus cheios de

arte de todo o mundo e jantado nuns quantos restaurantes sofisticados. Mas não havia experiência cultural que se sobrepusesse à de comer uma fatia salgada, quente e cheia de queijo de uma pizza de Nova Iorque. Todas as pizzarias pareciam conhecer o segredo do molho de tomate ácido e de uma massa perfeitamente moldável.

Olhei para o relógio de pulso. De nada valia meter-me no metro esfomeada e sem energia. Entrei na pizzaria e pus-me na fila para fazer o meu pedido. Depois de pagar os setenta e cinco cêntimos devidos, saí com uma fatia carregada de queijo aninhada numa caixa de cartão triangular. Abri a caixa para dar a primeira dentada.

Ouvi-a antes de a ver. Ia gemendo ritmadamente, como que com dores. Sob a luz ténue do candeeiro de rua à entrada da estação de metro, distingui-a: uma idosa aninhada contra o poste, com dois sacos de plástico a fazer de sapatos e um lenço florido que mal lhe tapava o cabelo. Entre gemidos, ia perguntando aos transeuntes indiferentes, numa voz fraca que repetia mecanicamente: «Minha senhora, tem um tostão que me dispense? Meu senhor, tem uma moeda que me dispense?»

Eu queria apanhar o metro. Chegar a casa. Precisava de pensar, de decidir se telefonaria à minha velha amiga. Mas como poderia ignorar aquela mulher? Fui ter com ela e debrucei-me. Ela sorriu e eu fiquei surpreendida ao ver dentes direitos e perfeitos. A idosa correspondeu ao meu olhar. Tinha os olhos aguados e com um ar opaco. Encolheu ligeiramente os ombros. Naquele pequeno movimento, detetei um reconhecimento tácito da aleatoriedade da roda da fortuna.

Passei-lhe a minha caixa de cartão triangular com a pizza ainda quente e intacta. Na minha mala, encontrei o porta-moedas que a minha mãe me tinha dado quando eu era apenas uma criança no Irão, abri-o e tirei de lá todas as moedas e umas quantas notas amarfanhadas. O dinheiro americano continuava a parecer-me estranho: tão verde e grosso comparado com as notas da minha terra. A senhora aceitou com um ar de perplexidade a pizza, as moedas e as notas que eu lhe oferecia.

Levantei-me e fui-me embora. Ao descer os degraus da estação do metro, só me virei uma vez.

Ela estava a comer a pizza rapidamente — com uma expressão de alívio absoluto.

Quando o metro surgiu no túnel e guinchou até parar, todos nos acotovelámos e apressámos para entrar. A carruagem apinhada cheirava a urina e lã molhada. Felizmente, arranjei lugar sentado. Encolhida entre passageiros, senti-me agradecida pelo anonimato. Não havia viva alma naquela cidade suja, azafamada, fascinante, energética, deprimente e cativante que soubesse do meu passado ou da culpa e do arrependimento que me consumiam por completo.

Com um solavanco, o metro lançou-se para diante. Junto à porta, alguém espirrou, e um cavalheiro de boné ia a trautear uma música estranhamente alegre.

Fechei os olhos. Lembrava-me de tudo — até ao mais *ínfimo* pormenor. Aqueles tempos de ligação e caos que tinham formado a nossa amizade nunca poderiam ser esquecidos.

DOIS

Primavera e verão de 1950

— Não podes estar à espera de que eu trabalhe, Ellie — disse a minha mãe, tratando-me pelo diminutivo. — Os descendentes da realeza não devem mexer uma palha para ganhar a vida.

A maior fonte de orgulho da minha mãe era o facto de descender de reis e rainhas. Estava sempre a contar-me que a avó era filha de um rei *Qajar*. Tinham-me dado o nome Elaheh porque significava «deusa», porque éramos da realeza, e porque ela queria, acima de tudo, assegurar que a nossa superioridade não fosse ignorada.

Da nossa vida na grande casa da cidade, tenho poucas memórias. Lembro-me de adormecer a ouvir os meus pais a discutir no quarto ao lado. Lembro-me do rosto bem-humorado, das sobrançelas fartas e do cheiro almiscarado do meu pai, e também do tom grave da sua voz quando recitava poesia antiga. Chamava-me «Elaheh Jaaan», alongando o apodo carinhoso «Jan» depois do meu nome, e por vezes «Elaheh Joon», usando a versão mais informal da palavra que quer dizer «querida».

Faleceu num dia da primavera de 1950, acabava eu de fazer sete anos.

Eu não tinha irmãos com quem chorar a sua perda. À medida que fui crescendo, parti do princípio de que talvez um ou dois tivessem nascido antes ou depois de mim, tendo sido levados talvez por alguma das muitas maleitas e enfermidades que, nesses tempos, era tão frequente devorarem recém-nascidos e bebês.

Mas, antes que os meus pais pudessem tentar de novo trazer outro filho ao mundo — uma criança que sobrevivesse, tal como acontecera comigo —, a tuberculose infestou o corpo do meu pai. Envolvido numa mortalha branca, foi sepultado num lugar próximo, desprovido de nome.

Ainda hoje, quando um homem passa por mim, acontece por vezes que um odor almiscarado desperte a memória do meu *baba*. No enterro, eu tinha o seu chapéu de lã preta nas mãos e ia passando os dedos pela textura aveludada. No final do dia, a minha mãe deu o chapéu a um pedinte por que passámos na rua.

Enquanto crescia, quis saber mais sobre ele, mas a minha mãe fechava-se em copas sempre que o seu nome vinha à tona e dizia que a entristecia demasiado recordar o destino que ele tivera e a força do mau-olhado.

O meu *baba* — que morreu tão jovem — só tinha dois irmãos. Um deles cavalgou até à fronteira com a Rússia, arranjou noiva aí e depois instalou-se na região de Baku. O outro irmão, o meu tio Massoud, encarregou-se de nós e tornou-se nosso guardião financeiro, responsável por nos pagar a renda e as despesas.

Depois do funeral, veio visitar-nos com o seu próprio chapéu de lã preta nas mãos. Disse — num tom muito apologético — que eu e a minha mãe teríamos de abandonar a nossa grande casa, que era o lar dela desde que casara, aos dezasseis anos. O meu pai não deixara muito dinheiro, explicou-nos com delicadeza. Teríamos de nos mudar para uma pequena casa que ele nos tinha arranjado em *payeen-e shahr*, o «fundo da cidade».

— Não me venhas com essas tretas, Haji Massoud — ripostou a minha mãe. — Só queres que eu... — Puxou-me para si num gesto protetor. Depois, sussurrou-lhe: — Que triste que me castigues assim.

Mais tarde, quando eu estava sozinha (os criados estavam todos a dormir naquelas últimas horas, antes de serem mandados embora), a minha mãe foi dar-me as boas-noites. Para uma família iraniana daqueles tempos, a sua era pequena. Os pais não lhe tinham deixado herança alguma e a única irmã morrera pouco

antes do meu pai, o que lhe aumentava tanto a mágoa como a sensação de ter sido vítima de mau-olhado.

Ela acariciou-me o cabelo e prometeu-me que a nossa mudança para a baixa seria apenas temporária. Falou-me de moral, decência e respeito por viúvas, queixando-se de que o meu tio Massoud não tinha nenhuma dessas qualidades. Depois, abruptamente, parou de me afagar o cabelo e disse que o meu tio Massoud só queria uma coisa, mas que ela não lha daria. Eu não sabia que coisa era essa, mas não me atrevi a perguntar, porque a minha mãe estava com um ar furioso. A última coisa que eu queria era provocar o seu temperamento mercurial.

Na manhã seguinte, ao dar uma última volta pela casa, a minha mãe ia gritando que não queria deixar os seus quadros, as suas rendas, as suas porcelanas, os seus cadeirões estilo Luís IX com tecido de damasco. No quarto, puxei-lhe as pernas enquanto ela abraçava a cómoda sofisticada. Entrámos nos quartos interiores do *andarun* e ela chorou pelos filhos que dizia que poderia ter tido, caso o destino do meu pai tivesse sido diferente. No pátio *birooni*, onde o jardim vicejava com arbustos cheios de flores cor-de-rosa, vermelhas e brancas, amaldiçoou o meu tio. Quanto a mim, estava surpreendida por o nosso jardim poder continuar tão belo apesar da ausência do meu pai.

O meu último vislumbre dessa vida foi uma imagem turva e desfocada da mansão, acompanhada pelo som dos soluços da minha mãe enquanto nos afastávamos.

Na primeira noite que passámos na baixa, eu e a minha mãe desenrolámos o colchão em que, doravante, dormiríamos juntas. Ela fitou o chão.

— Ellie, alguma vez te passou pela cabeça que verias o dia em que a tua própria mãe, descendente de Naser al-Din Shah, viveria nas barracas?

Eu ainda estava a tentar compreender a morte do meu pai.

— Ao princípio era só uma constipação, não era? A curcuma que dissolvi em chá doce para ele beber deveria ter-lhe baixado a febre. Porque é que isso não aconteceu?

— Fomos *cheshmed* e lançaram-nos um mau-olhado, Ellie Joon. Fomos amaldiçoadas. Só isso.

— Quem me dera que ele ainda estivesse aqui.

— Nunca subestimes o poder da inveja, Elaheh — disse a minha mãe, usando o meu nome completo. — O olho do Invejoso é capaz de destruir a felicidade. E todos os que tinham inveja do teu pai e de mim quando nos casámos amaldiçoaram-nos com os seus pensamentos maus e ressentidos.

As palavras da minha mãe pareciam dirigidas a uma amiga, ou à irmã que perdera, não a mim, uma confidente com sete anos acabados de fazer.

— *Madar*, ele estava doente. Acho que foi a doença que o matou.

— A inveja tem uma energia poderosa. É capaz de rodopiar no ar e destruir a verdadeira felicidade. Eu sei que não acreditas em mim, Elaheh. Mas há de ver.

Comecei a imaginar nuvens de energia maldosa e invejosa a circular na atmosfera. Havia algo absolutamente peculiar e assustador na aceitação de que outros poderiam ter tamanha influência sobre nós, apenas através das emoções. Eu tinha de impedir que a minha mãe se afundasse ainda mais no desespero.

— Pelo menos temos o tio Massoud — arrisquei.

Assim que o disse, arrependi-me.

— Oh, por favor, nem me fales do tio Massoud! — disse ela. — Ele podia ter-nos deixado ficar na alta da cidade, na nossa casa. Mas eu recusei o que ele exigia em troca. Porque tenho critérios. Porque não vou... Oh, esquece, Ellie. Não penses mais nisso. Só que estamos feitas. Os meus pais (que Deus os proteja) perderam todos os fundos enquanto eram vivos, por causa de outras pessoas que *lhes* lançaram mau-olhado também! E o outro irmão do teu pai partiu a galope para a Rússia. Agora este... o teu adorado tio Massoud! Ele acha que nos faz algum favor a pagar-nos a renda para vivermos numa barraca. Mas é seu dever cuidar da viúva e da filha do irmão falecido! — Olhou em redor, para as paredes vazias. — Nem sequer vai mandar-nos os móveis que tínhamos.

Tentei pensar em algo positivo que pudesse dizer.

— Ainda bem que não os manda, porque, seja como for, também não iam caber aqui.

A minha mãe fitou-me e desfez-se em lágrimas.

O tio Massoud visitava-nos e levava-nos carne, frango e *gaz*, nugá doce. Mesmo aos sete anos, eu sabia que não era invulgar que um homem casasse com a viúva do irmão. O tio Massoud era solteiro, ninguém acharia estranho se ele casasse com a minha mãe, quanto mais não fosse por dever para com o irmão falecido. Mas a minha mãe dizia que não se rebaixaria a casar com o cunhado só para manter a segurança. *Não vou deixar que aquele homem me ponha nem um dedo em cima. Não sou uma propriedade para ser passada deste para aquele.*

A minha mãe nunca perdoou a vida pelo destino do meu pai.

Nessas primeiras semanas, o nosso mundo privado de luto só era interrompido por visitas regulares do tio Massoud e de uns quantos familiares obstinados. A minha mãe nunca tivera um temperamento ligeiro, mas, depois de o meu pai «se ir», disse-me que era demasiado doloroso que familiares que tinham conhecido as nossas riquezas de outrora a vissem na barraca. Por fim, eles deixaram de se submeter ao tratamento rude e distante que ela lhes dava.

Apesar de o tio Massoud continuar a visitar-nos, comecei a pensar que fora por despeito e zanga por ela o rejeitar que nos obrigara a mudar de uma mansão de muros altos para uma casa de tijolo de um bairro de lata. Depois, comecei a reparar nas vantagens simples dos nossos novos aposentos minúsculos. Tínhamos duas divisões limpas e vista para a rua. Bastava-me olhar pela janela para ver meninos a brincar mesmo ali em frente.

Nas raras ocasiões em que saíamos, a minha mãe censurava os miúdos do bairro à medida que íamos passando por eles. Levantava a saia comprida e evitava as pernas e braços desengonçados das crianças como se quisesse esquivar-se a alguma infeção.

— É impróprio — queixava-se. — Crianças nas ruas. Olha para elas, a atirar pedras e a saltaricar por aí como se fossem tontas.

Eu adorava que a nossa casa ficasse numa ruela cheia de miúdos. Adorava que, naquela parte da cidade, os rapazes incluíssem as raparigas nas brincadeiras. Que as raparigas pudessem até ir brincar para a rua.

Mas a minha mãe não permitiria que a descendente da descendente de Naser al-Din Shah corresse lá fora com *dahati*, miúdos «camponeses», e que guinchasse como uma órfã sem casa.

Por isso, na maior parte das tardes, eu ficava em casa. Virava costas à janela, sentava-me com a minha mãe e brincava com uma boneca de trapos a que chamara Nabo.

À noite, deitava-me no colchão que partilhava com a minha mãe e imaginava como seria a minha amiga perfeita. Teria cabelo escuro, olhos bondosos e uma disposição calma.

Passaram-se meses e o nosso primeiro verão na baixa da cidade estava a chegar ao fim. Certa tarde, a minha mãe pediu-me o seu chá, como de costume. Levei-lho com um torrão de açúcar. Ela trincava o açúcar e bebericava a infusão ambarina e o seu rosto ficava humedecido pelo vapor.

— Ellie — disse-me. — Inscrevi-te na escola.

Enquanto ela ia falando, contando-me como fora difícil matricular o meu nome sabendo que era uma escola pobre num bairro miserável, mas o que poderíamos esperar, se o irmão ganancioso do teu pai não quer pagar para que estejamos numa situação melhor, o meu corpo começou a vibrar com uma estranha mescla de expectativa e excitação.

A minha sorte acaba de mudar.

Escola. Escola a sério. Um edifício completamente separado da minha mãe. Um recreio. As escolas — eu tinha quase a certeza — tinham de ter recreios. Professoras. E — o meu coração acelerava perante tal ideia — meninas da minha idade!

Sentia-me simultaneamente petrificada e cheia de energia só de pensar naquele portal para todo um outro mundo. Um mundo onde eu encontraria — talvez, talvez — a amiga de olhos bondosos com que tanto sonhava.

Haveríamos de nos conhecer logo no primeiro dia de escola. Talvez lá fora, no recreio. Ao início, poderíamos ter alguma timidez, hesitar antes de nos apresentarmos. Mas, depois da cautela inicial, tornar-nos-íamos amigas a sério. Faríamos tudo juntas: brincar no recreio e fazer os trabalhos de casa (eu estava muitíssimo entusiasmada em relação às duas coisas).

A minha mãe tinha dito ao tio Massoud que me comprasse cadernos e até dois lápis. Eu ia aprender a escrever! Num caderno a sério, com um lápis afiado. Tinha visto a minha mãe escrever — era uma desilusão constante, dizia ela, viver agora rodeada de iletrados, quando era uma pessoa educada que completara o nono ano.

Poucas coisas me emocionavam mais do que a perspectiva de aprender e encontrar uma amiga. Eu queria aprender tudo; seria a melhor aluna que a escola alguma vez vira. E iríamos juntas para todo o lado — a minha nova amiga e eu. Brincaríamos ao jogo das cinco pedras com que eu tinha visto que as meninas do bairro se entretinham. Talvez o tio Massoud me desse dinheiro para um gelado. Se ele soubesse que eu tinha boas notas na escola, se soubesse que eu tinha uma amiga, talvez me oferecesse isso. Deitada ao lado da minha mãe, imaginei como seria levar aquela amiga imaginária a nossa casa. A minha amiga faria a minha mãe rir. Poderíamos comer juntas às vezes. Deixei a imaginação voar com os pratos deliciosos que partilharíamos.

Mal podia esperar pelo novo universo que estaria à minha espera quando o verão acabasse e o outono chegasse!

TRÊS

Setembro de 1950

Um enxame de borboletas esvoaçava dentro de mim ao caminhar para a escola. Levava a mochila que o tio Massoud me ensinara a fechar e sentia o peso do caderno e dos dois lápis lá dentro.

Estava nervosa, mas também agradecida. O início de tudo parecia possível. O tio Massoud não protestara quanto à minha ida para a escola. Era da opinião de que as raparigas também deviam ser educadas. Apesar de só ter sete anos, eu estava consciente de que isso não era consensual. Mas tanto a minha mãe como o meu tio acreditavam nisso. Eu sabia o caminho até à escola e para que edifício devia ir — não porque a minha mãe me tivesse dado a mão para me mostrar, mas porque quando o tio Massoud fora a nossa casa deixar-me o uniforme e o material escolar, também recitara instruções com a sua voz grave. E eu já praticara o caminho duas vezes.

O ar já perdera a maior parte do calor opressivo do final de verão. Uma brisa fresca e límpida ajudava a serenar-me os nervos, até que cheguei ao destino e fitei o pátio grande e em alvoroço.

Junto ao portão da escola, segurei a mochila entre os joelhos para ficar com as mãos livres e realizar uma superstição pessoal. No meio do verão, a sufocar de calor, tinha criado um ritual só meu. Praticava-o sempre que queria que algo bom acontecesse. Apertava uma trança primeiro (a esquerda), depois a outra (a direita). Tinha de as apertar com força — primeiro a esquerda, depois a direita.

Tinha feito os meus gestos de boa sorte nas tranças e, poucas semanas depois, a minha mãe anunciara que me inscrevera na escola, não fora? E tinha-o feito na semana anterior, imediatamente antes de experimentar fazer a caminhada até aos portões da escola. E, mais uma vez, no dia em que fomos ao *hammams*. Tinham-me atribuído a melhor lavadora dos banhos, não fora? Resultara. Tinha de resultar naquele dia.

Depois de apertar as tranças, inspirei fundo, tirei a mochila do meio dos joelhos, voltei a pôr uma alça ao ombro e atravessei os portões para entrar no pátio.

Havia meninas até onde a vista alcançava. As borboletas que esvoaçavam dentro de mim batiam as asas e eu imaginava-as a colidir umas com as outras. Raparigas de uniforme igualzinho ao meu. Incontáveis vestidos de *ormak* cinzento e colarinho branco. Toda a gente parecia aperaltada. Adentrei-me mais no pátio, em busca das meninas da nossa ruela. Se alguma tivesse a sorte de ali estar, eu provavelmente nem a reconheceria. Todas parecíamos colegiais!

Um som penetrante e desconhecido magoou-me os ouvidos. Tão agudo e estridente... Virei-me e vi uma mulher mais velha com um pequeno objeto na boca (viria a saber que era um apito). Estava a agitar os braços. *Em fila, em fila!* Grupos de raparigas organizaram-se em filas como por artes mágicas.

— *Kellas-e aval!* — gritou uma mulher de saia azul-escura. *Primeiro ano*. O meu ano. Segui a mulher, cheguei à fila e mantive-me rigidamente no lugar. As professoras queriam-nos caladas.

Senti um dedo a espetar-me.

Ignorei-o.

Uma cotovelada.

Não queria meter-me em apuros, mas virei-me.

O sorriso dela revelava dois dentes da frente em falta. Tinha o cabelo preto, encaracolado e desalinhado. Um caracol balançava-lhe sobre a testa como um gancho rebelde. Os seus olhos revelavam malandrice.

Fiquei logo com inveja da sua aparência, sobretudo porque ainda não tinha perdido os dentes da frente.

— *Nakon!* Não faça isso! — protestei num sussurro.

A rapariga que me tinha espetado o dedo aproximou-se até ficar com o rosto perto do meu. O seu hálito cheirava a rabanete. Quem comeria rabanete ao pequeno-almoço? Ela tinha a pele escura e um sinal debaixo do olho esquerdo.

— *Midooni chi?* Sabes que mais? — perguntou-me.

Tudo o que eu queria era virar-me e ser uma boa aluna voltada para a professora lá à frente. Mas o olhar dela era viciante.

— O quê? — murmurei. Era bom que se despachasse e me contasse.

— *Hichi!* Nada! — Tapou a boca com a mão. Tremia em silêncio, rindo-se da sua própria piada ridícula, com os olhos muito cerrados.

Virei-me de volta, nada impressionada. Olhei para a esquerda e para a direita, desesperada. Perguntava-me se ela estaria ali. A amiga que eu tinha imaginado. A bondosa. A que teria cabelo castanho-escuro e modos calmos, aquela com quem eu iria comer gelado. Mesmo enquanto marchávamos para o interior do edifício atrás da nossa professora, o meu olhar continuava a percorrer o pátio em busca dela.

Na sala, alinhámo-nos encostadas à parede e esperámos que nos fossem atribuídos os lugares. Eu olhava em redor, à procura da amiga perfeita. Quando ouvi o meu nome, vi que o meu lugar era mesmo ao lado do da rapariga que me tinha espetado o dedo nas costas quando estávamos lá fora. O pânico tomou conta de mim. Será que a minha rotina de apertar as tranças para me dar boa sorte não tinha funcionado?

Sentei-me na carteira de dois lugares e pousei a mochila com cuidado.

A rapariga malcriada virou-se para mim.

— Chamo-me Homa — disse ela. — E tu?

Mirei-a de soslaio.

— *Elaheh* — balbuciei.

Ela fez o seu sorriso desdentado e riu-se sem motivo.

Ignorei-a.

Durante aqueles primeiros dias de escola, agarrei-me à esperança de que a amiga que inventara na minha fantasia talvez ainda aparecesse. Talvez eu fosse contra ela no recreio (estaria noutra turma?), ou talvez a nossa professora erguesse o olhar e anunciasse que uma estudante nova acabava de chegar ao nosso ano.

La ignorando a Homa tanto quanto podia, embora ela estivesse sempre ao meu lado com o seu sorriso tolo. Mas, na quinta semana de escola, numa quarta-feira, um encontro fez-me mudar de opinião.

Naquela altura, tínhamos duas horas para almoçar. As estudantes iam a casa e comiam com as famílias. Eu tinha a certeza de que as outras meninas chegariam a casa e encontrariam a toalha *sofreh* já posta, os pratos na mesa, copos de metal cheios de água fresca.

Nessa quinta quarta-feira, apressei-me a caminhar até casa. A minha mãe dizia que os seus olhos cansados não conseguiam distinguir como os meus, jovens, as pedrinhas e a terra entre os bagos de arroz. Os seus estariam «avariados» de tanto chorar.

Ela tinha deitado o arroz para um tabuleiro, à espera de que eu retirasse a sujidade. Passei os bagos bons para uma tigela e passei-os várias vezes por água. Tínhamos a sorte, naquela parte da cidade, por termos acesso a água. Tínhamos a sorte de ter um jarro e um lava-loiça com uma bomba de água. Mas a minha mãe chorava a perda da sua antiga cozinha e detestava a bomba nova.

Entreguei-lhe a tigela com os bagos molhados e ela passou o arroz para uma panela ao lume. Não me deixava cozinhar o arroz, isso não, pois receava que eu pegasse fogo à casa, e depois que haveria ela de fazer? Disse-me que estava cansada e não tinha energia para cozinhar alguma coisa para acompanhar o arroz, pelo que, quando ficou pronto, o comemos com iogurte. Depois, ajudei-a a lavar a loiça. Quando voltei a calçar os sapatos para voltar para a escola e assistir à sessão da tarde, já estava com medo de chegar atrasada.

Lá fora, sem fôlego e a transpirar, caminhei com as maiores passadas de que era capaz sem correr, porque a minha mãe dizia

que correr não era próprio para uma rapariga. A mochila ia-me martelando a anca como se o meu corpo fosse um tapete a ser sovado para soltar o pó.

— Ei! *Sabr Kon*. Espera! — Virei-me. Era a Homa. Vinha a correr na minha direção, com o cabelo no ar. — Tenho uma coisa para te contar!

Eu nada disse e continuei a andar.

— Porque é que estás sempre com medo de chegar tarde?

Nesse momento, vi-a tal como a minha mãe a teria visto: *uma rapariga de classe inferior, que não é digna de ti e com quem foste enfiada numa escola insignificante*. Continuei a caminhar depressa.

— Se esperasses só um minuto por mim, sua mula, eu podia falar contigo!

Estaquei.

— Acabaste de me chamar mula?

Ela alcançou-me, a ofegar.

— Ouviste-me bem, Mula.

Ficámos frente a frente, as duas esbaforidas pela pressa.

— Mas tu sabes — disse eu, com a cadência e o tom da minha mãe a infundir-me as palavras —, que a filha de Naser al-Din Shah era a minha tetravó?

— *Chi?* — perguntou ela, usando a forma menos formal de «porquê».

— Ouviste-me bem, Mula — imitei-a. Mais pequena e sem dúvida fisicamente mais fraca, sentia também a desvantagem de ter o sol a bater-me nos olhos.

— *Khodeti Khar!* Tu é que és uma mula!

— Realeza — balbuciei. Mas a palavra perdeu o impacto ao passar-me entre os lábios. Remexi os pés. O sol continuava a cegar-me enquanto eu olhava para aquela peste insolente que se atrevera a chamar-me mula duas vezes. Não ergui a mão para tapar os olhos. Tinha de mostrar o que valia e com quem ela estava a lidar.

Num gesto dramático, a Homa bateu com a palma da mão numa das faces.

— Oh, oh! És uma princesa *Shazdeh!*

A minha mãe tinha-me dito, vezes sem conta, que os rapazes e raparigas daquela parte da cidade das «barracas» eram uns selvagens *vahshi*. Dados a explosões de violência. Naquele momento, de repente senti-me assustada.

A Homa puxou-me a alça da mochila do ombro. Estremeci e recuei.

— Quero lá saber que a tua tetra tetravó tenha sido rainha da Pérsia toda. — Afagou a alça da minha mochila. — Tudo o que quero saber é se queres brincar comigo!

— Como?

— À macaca?

Eu nem acreditava. Ela estava a convidar-me para brincar? E logo à macaca? Parecia tão séria. E queria mesmo que eu me juntasse a ela.

— Não sei — respondi, a tentar ganhar tempo. — Tenho de perguntar à minha mãe se posso.

— Vai perguntar, então! E sabes que mais? Também podemos jogar às cinco pedras. — Ia saltando enquanto falava. — Então, de que é que estás à espera, Tartaruga? Vamos ver quem chega primeiro!

A Homa colocou um pé à frente do outro e saltitou, a postos.

— Preparada?

Aquele sorriso desdentado. Os caracóis ao sol. Aquele seu ar tolo e tresloucado. Era impossível estar perto da sua energia e não ter também vontade de saltar, correr ou fazer disparates. Eu não estava preparada, mas, quase por reflexo, imitei a sua postura.

Ela contou até três:

— *Yek, Do, Se!*

Como se impulsionada por uma força desconhecida, arranquei no preciso momento em que ela disse três.

Corremos, de mochilas junto ao peito para que não fossem a bater-nos. As minhas tranças voavam e eu ouvia o sopro do vento ao correr com uma velocidade que não fazia ideia de que seria capaz de atingir. Íamos sincronizadas. Era como se nos movêssemos num vácuo selado do resto do mundo, num túnel onde nada mais existia.

Quando a escola surgiu diante de nós, ela bradou um *huuuuuuurrrraaaa* desmedido e um som irrompeu de dentro de mim — um guincho que teria irritado a sensibilidade sofisticada da minha mãe —, um escape enorme e delicioso.

Chegámos aos portões esbaforidas, mas a tempo. Foi praticamente como se nos propulsionássemos para atravessar as grades de ferro forjado. Eu agarrei-me a elas e encostei a cabeça ao portão, a tentar recuperar o fôlego. A Homa fez o mesmo e depois endireitou-se. Deu-me a mão.

— Digamos que empatámos, Princesa.

E seguimos juntas para a sala de aula.

QUATRO

Outubro de 1950

— Como é que ela se chama? — perguntou-me a minha mãe, sentada de pernas cruzadas no seu almadraque, com a parte forrada por baixo e as costas apoiadas na parede.

— Homa.

— Oh. — Fechou os olhos. — Sempre adorei esse nome. Uma ave lendária. Um pássaro da nossa antiga mitologia zoroastriana. O *homa* nunca pousa no chão. Dizem que esse pássaro passa a vida toda invisível, voando por cima de todos nós.

Seria aquilo um sinal de esperança? A minha nova amiga tinha um nome que a minha mãe adorava. Talvez a ave *homa* que ela tinha em mente fosse uma criatura bela e graciosa. É claro que a minha Homa, a rapariga mais valente da turma, dificilmente poderia ser considerada graciosa. Mas parecia ter um espírito que a diferenciava. Parecia flutuar num nível diferente das outras pessoas.

A minha mãe abriu os olhos e observou-me. Por um segundo, a sua expressão suavizou-se, perante o que quer que visse na minha.

— Está bem — suspirou. — Mas não aqui. Não a quero em minha casa.

— Eu posso ir à dela! — apressei-me a dizer, com o coração a acelerar perante a aceitação dela. Não queria que mudasse de ideias. — A Homa disse-me que não vive longe daqui. Posso ir, por favor, para a semana? Depois da escola?

— Oh, santo Deus, vais acabar a ser uma daquelas crianças das ruas.

Fitei-a, com receio de dizer o que quer que fosse.

— Já viste o que acontece quando ficamos sozinhos no mundo? Eu tinha pais, uma irmã, um marido. Mas todos eles me deixaram e agora esta solidão obriga-me a estar à mercê do teu tio. A solidão *tanhayi* é o pior dos flagelos. Sabias?

Assenti com a cabeça. A minha mãe passava a vida a dizer que estava muitíssimo só no mundo. Mas não era verdade que eu a tinha a ela, e ela a mim? Ainda assim, não era capaz de evitar pensar que, se o meu pai tivesse sobrevivido, tudo seria suficiente.

— Achas que o Baba poderia ter recuperado da doença se a tivéssemos detetado antes? — perguntei, sem conseguir conter-me. — Achas que ficaria orgulhoso de eu ir para a escola?

— Chega de perguntas!

— Mas o Baba era estudioso, não era? Gostava de ler?

— Não quero falar dele, Ellie. Já te disse isso muitas vezes. — A minha mãe ia massajando as têmporas. — Não há como evitá-lo, suponho — continuou. — Mais cedo ou mais tarde, hás de te misturar com estas crianças. A menos que... — O seu olhar focou-se num ponto para além de mim. — Recusei. — E deixou cair a cabeça entre as mãos.

— A menos que o quê?

— Vai fazer os trabalhos de casa — atalhou.

Agarrei na mochila que tinha deixado junto à porta e tirei de lá o meu caderno. Não queria perturbar aquele equilíbrio recém-adquirido. Tinha praticamente a certeza de que a minha mãe se rendera e aceitara a minha primeira saída para brincar com uma amiga!

A caminho da sua casa na quarta-feira seguinte depois da escola, a Homa não se calou. A minha mãe tinha-me dito que lavasse as mãos assim que entrássemos. *Se é que eles têm água corrente, claro.*

— Tens de ter cuidado com os rapazes grandes da minha rua — avisou-me a Homa. — Sobretudo com o malcheiroso do Saman. Chamamos-lhe Sammy. Mas não te preocupes: na semana passada dei-lhe uma chapada e agora andam *todos* menos irritantes. Quero dizer, o Sammy continua a ser um rufia. Andou à bulha com os outros rapazes na sexta-feira e ficou com o nariz a sangrar! Eu ando a ver se os rapazes me deixam entrar no jogo com os paus. Acham que não posso jogar por ser rapariga. Não achas que é absurdo não me deixarem jogar por ser rapariga?

— Qual é o jogo dos paus? — Imaginei rapazes gigantesco do quarto e do quinto anos, a brandirem ramos grossos. Vândalos *lat o loot*, diria a minha mãe. Eu não sabia se queria aproximar-me deles.

— Oh, o jogo dos paus é o máximo. Se me deixassem entrar, veriam que sou capaz de jogar tão bem quanto eles — respondeu-me num tom sonhador.

Claramente, eu e ela tínhamos objetivos diferentes em relação ao jogo dos paus.

— Tens um *baba*? — perguntei, pois associava rapazes grandes a homens e homens a pais.

— Claro, tolinha.

— O meu morreu — disse eu.

A Homa estacou.

— Morreu quando eras bebé?

— Não, morreu há uns meses. Antes de nos mudarmos para cá.

Ela agarrou-me e deu-me um abraço apertado.

— *Tasliat, tasliat* — disse-me. Depois, parou. — Acho que é isso que devo dizer, não é?

— Sim — suspirei. — Toda a gente me dá os pêsames.

Recomeçámos a caminhar. Como que para abandonar aquele tema incómodo, ela perguntou de súbito:

— Queres saber um segredo?

— Claro.

— O meu pai é comunista!

— O quê?

A Homa fitou-me com uns olhos arregalados.

— É contra o rei!

A minha mãe tinha-me dito o que acontecia às pessoas que eram contra o nosso rei. Tinha-me contado que o pai do rei vigente, Reza Xá, tinha conquistado o trono a outro rei *qajar*, de quem a minha mãe descendia. Apesar de nunca ter aceitado a forma como o Reza Xá destronara o seu tetravô, ela sempre me avisara que falar contra o filho, o atual rei a quem chamávamos apenas Xá, era perigoso.

— Acho que não é seguro ser-se contra o rei — sussurrei à Homa. — Pode-se ir preso.

A Homa lançou um olhar furtivo em redor.

— Acabei de me lembrar de que não devia contar isto a ninguém. Oh, céus. Não quero que o meu *baba* vá para a prisão. — Agarrou-me a mão. — Promete-me que não contas a ninguém. Promete-me agora mesmo!

— Prometo, prometo!

Ela soltou-me.

— Se bem que a razão principal para as pessoas serem presas não é serem contra o rei.

— Então porque é que as pessoas são presas?

— São presas se beberem sangue — disse ela, com uma confiança perturbadora.

— Oh. — Fiz o resto do caminho até à sua casa algo ansiosa, sem perceber como poderia ela saber aquilo.

Na ruela da Homa, os rapazes grandes — uns sete ou oito — formavam um grupo compacto. Eu não via paus nenhuns, mas era possível que os escondessem no meio deles. Três raparigas estavam sentadas no chão, a escolher pedras. A uma esquina, dois meninos mais pequenos e uma menina mais nova chupavam gijas e cuspiam os caroços no que parecia ser um concurso elaborado para ver quem os projetava para mais longe. Aquela ruela já se mostrava mais entusiasmante do que a minha. Ela acenou

aos rapazes. A maioria ignorou-a, mas houve um que se virou de imediato.

— Olá, olá — disse, quase sem fôlego. — E esta quem é?

— Não tens nada que ver com isso, Sammy.

E levou-me rapidamente dali.

— Nem acredito que ele seja simpático contigo depois de lhetes dado uma chapada e tudo.

— Não lhe lrigues — disse ela. — Só arranja sarilhos.

Chegámos a um portão branco entre uns muros baixos de cimento. A Homa dirigiu-se ao portão e abriu-o. Ao início, pensei que ela estava a entrar no terreno de outra pessoa. Mas segui-a até um pátio bem cuidado, com um lago de carpas *hoz* no meio. A água azul-clara cintilava sob o sol, que criava formas geométricas caleidoscópicas na superfície do lago pouco profundo. Uns quantos peixes cor de laranja nadavam ali. Olhei para a casa. Era de tijolo, tal como a nossa, mas maior.

— *Khosh omadi!* — acolheu-me ela.

Então, aquela era a sua casa. Eu não esperava que fosse tão grande.

Ouviu-se o choro de um bebé. Caminhámos até à porta, descalçámo-nos no pequeno átrio e entrámos.

Depois do sol forte no pátio, os meus olhos demoraram um pouco a habituar-se. Estávamos numa sala de estar escassamente mobilada. Uma bebé chorava num tapete *kilim* puído, no meio do chão. O choro era ruidoso, mas também estranhamente melodioso. O aroma de algo fermentado a cozer surpreendeu-me. A minha mãe só fazia bolos no Ano Novo Persa.

Uma mulher apressada entrou na sala, vestida com um xador branco e largo de andar por casa. Como o xador estava ligeiramente aberto, vi que por baixo tinha uma blusa com um padrão. Uma longa trança negra serpenteava-a pelo pescoço e pela frente do corpo.

— Então, o que é que temos aqui? — perguntou. Não percebi se estaria a referir-se a mim ou à bebé. Mas depois ela pegou-lhe e equilibrou-a na anca, num movimento simples que revelava que já o fizera vezes sem conta. Embalou a bebé, que parou de chorar,

ficando antes a fitar-me e à Homa também, com uns olhos acusadores e cheios de lágrimas, e os caracóis escuros e suados colados à cabeça.

— *Maman Joon*, lembras-te de te ter dito que a Ellie vinha brincar comigo?

A mulher não parecia recordar-se, mas tinha um sorriso acolhedor. Quando se aproximou, vi o padrão da sua blusa com mais pormenor: sobre o tecido branco, minúsculas flores azuis cresciam de umas miniaturas de hastes verdes encaracoladas. O tecido do xador tinha um ar absolutamente suave. Ela cheirava a fermento e leite.

— Chamo-me Monir Khanom — apresentou-se. — Querem *sharbat* de cereja? Devem ter sede.

— Daqui a bocadinho — respondeu a Homa. — Depois de brincarmos.

Eu teria adorado tomar *sharbat* de cereja, mas não queria parecer malcriada e glutona.

— *Bereen, bacheha*. Vão lá, meninas. Deixo aqui uma merenda preparada para o caso de ficarem com fome. — Tornou a sorrir e virou-se. Por cima do seu ombro, a bebé fitava-nos.

— *Merci, Khanom*. — Tratei-a usando o termo de respeito para uma senhora, esperando que a merenda estivesse relacionada com o que quer que estivesse no forno a cheirar tão bem.

— Não é bonita? — perguntou-me a Homa depois de voltarmos a sair.

Não sabia bem como responder.

— A tua mãe é linda — disse-lhe.

— Não, tolinha! Quero dizer, sim, é. Mas estou a falar da minha irmãzinha, a Sara. Não dá vontade de a comer toda?

Não me tinha ocorrido comer a bebé, mas de facto era rechonchuda e adorável.

— Tem quase treze meses! — exclamou a Homa num tom orgulhoso. — Treze!

Nós andávamos no primeiro ano. A Sara acabava de completar o seu primeiro ano de vida. Eu esperara vir a ter uma irmã ou um

irmão, mas sabia que o facto de o meu pai ter morrido significava que isso não faria parte do meu destino. Que sorte a da Homa, ter aquela irmãzinha bebé *topoli!*

Ela deu-me a mão e puxou-me para o pátio e para a ruela. Aí, pôs-se a percorrer o chão com o olhar como se procurasse uma moeda. Por fim, agarrou numa pedra afiada.

— Perfeita!

Raspou a pedra no chão, desenhando linhas. Aos poucos, as linhas uniram-se e formaram quadrados grandes. Ela olhou para mim.

— Não fiques aí especada. Arranja uma pedra boa. Temos de os numerar.

Escolhi uma pequena pedra irregular e comecei a rabiscar números dentro dos quadrados. Nas aulas, tínhamos praticado escrever os números de um a dez. Fiquei orgulhosa por poder usar o meu conhecimento recém-adquirido para criar a grelha para o jogo. Nem acreditava que tinha a sorte de estar mesmo a jogar à macaca. Durante semanas, ficara a ver outras meninas da escola a jogar. À noite, deitada no colchão ao lado da minha mãe, tinha fantasias acerca de dar saltos perfeitos para um quadrado com a minha amiga imaginária.

Depois de marcarmos todos os quadrados, ela encontrou duas pedrinhas e deu-me uma.

— Queres começar tu? — perguntou-me. Mas era óbvio que estava desejava de começar.

— Não, começa tu — respondi.

Ela atirou a sua pedrinha, que aterrou no quadrado número quatro. Equilibrou-se cuidadosamente num só pé.

— *Yek, Do, Se!* — gritou, e depois saltou ao pé-coxinho até chegar ao quadrado onde estava a pedrinha. Mantendo uma perna no ar, dobrou-se até chegar à pedrinha, fechou os dedos para a apanhar, levantou-a e olhou para mim com uma expressão de triunfo absoluto.

Não pude deixar de a aplaudir enquanto ela regressava aos saltinhos.

Depois de jogarmos à macaca, saltámos com uma corda amarela esfarrapada enfiada debaixo de um balde virado ao contrário. Ela explicou-me que era o esconderijo secreto da corda, para que o Sammy não a roubasse. Contou-me que ele era um ladrão e um mentiroso. Pusemo-nos a espiá-lo e aos outros rapazes, até que ele se virou. A Homa puxou-me dali e corremos de volta para a sua casa, perdidas de riso.

A sua mãe, Monir Khanom, estava sentada num almadraque muito semelhante ao da minha mãe, com a parte forrada por baixo e as costas apoiadas na parede. Tinha as pernas esticadas para a frente e a Sara no peito, a mamar ruidosa e sofregamente. Quando nos viu, tapou parte do peito com o xador.

— Deixei-vos *ghotab* na cozinha — disse. — Não se esqueçam de lavar as mãos primeiro.

— Obrigada, Maman Joon — agradeceu a minha amiga.

Eu sabia que devia *tarof* e dar início ao ritual de recusar o que um anfitrião oferece, até este tornar a insistir. Sabia que a primeira recusa não era apenas educada, mas também esperada. No entanto, a casa cheirava tão bem e, sem saber bem porquê, eu sentia-me confortável ali.

— *Kheyli mamnon, Khanom* — agradecei.

— *Nooshe Jan*.

A Homa levou-me até ao fundo da sala e, aí, descemos por uma escadaria de pedra. Através das meias, sentia os degraus suaves e frescos e a forma como curvavam no meio, como se anos de passos tivessem desgastado o centro. Depois de descermos sete degraus (contei-os), entrámos numa cozinha fresca que fazia lembrar uma caverna. Devia ser húmido ali em baixo, mas o ar era quente e seco, infundido pelo cheiro delicioso que eu tinha detetado assim que entrámos na casa. Havia painéis de cobre penduradas na parede, por cima do fogão enorme, que tinha um samovar com um bule branco com duas rosas cor-de-rosa. Nas prateleiras, vários pratos estavam empilhados. Todas as superfícies resplandeciam de limpas.

Em cima da bancada encontrava-se um prato coberto por um pano branco. A Homa aproximou-se dele em bicos de pés, com uma expressão dramática, e levantou o pano para revelar um monte de pequenos bolos em forma de semicírculo.

— Os *ghotab* da minha mãe — disse ela com reverência. — Provavelmente, a melhor coisa que alguma vez há de comer.

Servimos água de um jarro de barro junto ao lava-loiça fundo de cerâmica e usámos um pedaço de sabonete como se estivéssemos a fazer as abluções para a oração. Secámos cuidadosamente as mãos com uma toalha pendurada num gancho perto do lava-louça. Quando voltámos para junto da bancada, a Homa ofereceu-me o prato.

— *Befarmayeed* — disse ela, usando o tempo verbal formal para me convidar a compartilhar a iguaria.

Mais uma vez, não fiz *tarof*, não entrei na dança para cá e para lá de recusar a oferta para que a minha anfitriã tivesse de insistir e implorar que eu comesse. Agarrei num dos semicírculos — ainda estavam quentes. Dei-lhe uma dentada. Uma explosão pungente de doce e ácido tomou conta da minha boca.

— O que é que isto tem? — perguntei, de boca cheia, ciente de como a minha mãe ficaria horrorizada perante os meus maus modos.

— Romã! — exclamou a minha amiga, com os olhos a brilhar como se partilhasse o código do cofre onde o Xá guardava as joias da coroa.

— Julgava que os *ghotab* eram recheados com amêndoas e nozes, e polvilhados com açúcar. — Lembrava-me da caixa que o meu tio Massoud tinha levado para o aniversário da minha mãe. O açúcar fino cobria-nos a boca enquanto os partilhávamos. Eu sabia que a minha mãe sentia falta das festas elegantes que costumava organizar pelo seu aniversário quando vivíamos na alta da cidade.

— Esses são de outro tipo. É uma receita da minha avó. É a especialidade dela.

Mastiguei e, de coração, agradeci à sua avó. Juntas, comemos mais uns quantos e só parámos, porque seria rude acabar com

todos, se bem que eu tinha praticamente a certeza de que Monir Khanom insistiria para que o fizéssemos. Pela maneira como me tinha recebido assim que eu entrara e pela forma como lidava com a bebé, Sara, eu tinha a sensação de que não seria do género de mãe que se queixasse aos filhos das suas mágoas.

A minha amiga era muito, muito afortunada.

Senti um aperto no peito, quase uma dor, que me avassalou. Vinha acompanhado por um vazio estranho e novo.

Na altura, não era capaz de o definir. Mas, olhando hoje para trás, logo naquela primeira visita, quis o que a Homa tinha. Queria a sua família. O pai vivo, a mãe amável. A sua irmã gordinha e comestível. O calor e a segurança da sua casa. Queria a frescura daquela cozinha, a sua magia cavernosa, a sua capacidade de transformar arilos de romã e massa numa iguaria divina e deliciosa. Para minha grande vergonha, ali na cozinha, tive uma fantasia em que algo terrível acontecia à minha mãe para que eu pudesse tornar-me órfã e ser acolhida pela família da Homa. Integrar-me no seu clã tornar-me-ia uma deles. Parte deles.

Eu adorava-a.

E já tinha inveja dela.

CINCO

Novembro de 1950

A partir de então, gravitávamos naturalmente uma para a outra. Foi com a Homa que dominei os jogos de saltar à corda, eram as costas dela que eu massajava enquanto ela se deitava de barriga para baixo, foi com ela que aprendi a cuspir caroços de cereja para longe (e longe do olhar da minha mãe reprovadora).

Foi na sua cozinha que aprendi a usar uma faca. Sob a orientação de Monir Khanom, colocámos uma cebola na bancada. Juntas, tirámos-lhe a casca fina e quebradiça, descobrindo com surpresa que as membranas interiores eram escorregadias e nos escapavam sob os dedos. Monir Khanom abriu uma gaveta e tirou de lá uma faca gigante com um cabo multicolorido de abalone. Levou-a mesmo para ao pé de mim e da Homa, pousou-nos as mãos no cabo cintilante, pôs a sua por cima e guiou-nos para que cortássemos a cebola ao meio, para em seguida cortar cada metade em rodela, antes de a virar e cortar na direção contrária, avançando. Quando a mãe da Homa afastou lentamente a faca para revelar um montinho de cebola cortada em cubinhos perfeitos e minúsculos, tive a sensação de ter realizado um truque de magia. Eu nem acreditava que pudéssemos ter tamanho controlo a alterar a forma das coisas.

Em casa, a minha mãe sentava-se no seu almadraque, parecendo desaparecer cada vez mais contra a parede. Continuava a queixar-se por eu «andar na pândega com a arraia-miúda»,

a dar-me com a «gentalha». Mas não me proibia de ir a casa da Homa. Talvez em parte — a parte maternal — quisesse preservar a minha felicidade recém-descoberta. Era nisso que eu queria acreditar. Desesperadamente.

As competências que aprendia na cozinha fresca de pedra eram competências que levava para casa, para a minha mãe. Ela deixava cada vez mais a preparação das refeições ao meu cuidado, embora eu ainda não tivesse permissão para usar o fogão.

Fazia-lhe a salada *shirazi* de cebola picada, pepino e tomate, que servia com menta fresca. Aumentava a quantidade de sumo de limão e reduzia a de sal, atrevendo-me a temperá-la com um pouco do azeite que o tio Massoud nos levava. A minha mãe não resistia àquele sabor.

E eu não resistia à magia daquela cozinha de pedra.

Cozinhar foi um processo que me cativou desde a primeira vez que ali estive ao lado de Monir Khanom. Como uma simples cebola podia transformar-se daquele orbe descascado em cubos pequeninos e depois na translucidez salteada e dourada com o calor e a gordura na panela de cobre, o aroma caramelizado que inundava a casa à medida que a cebola crepitava.

Aquela cebola solitária podia ser a base de guisados saborosos como o *khoreh* de ervas *ghormeh sabzi* de Monir Khanom ou o *khoreh* de lentilhas amarelas e carne que a minha mãe dizia que era o preferido do meu pai (nunca mais tornou a fazê-lo, depois de ele morrer: evocar as memórias era demasiado difícil). Aprendi que cebola frita podia guarnecer sopa *aush* quando misturada com menta seca ou fazer de recheio para *dolmehs* de folha de parra, misturada com sobras de arroz e ervas aromáticas. Monir Khanom ensinou-nos a cozinhar arilos de romã em lume brando até se transformarem num melaço que podia ser usado no guisado *fesenjoon* de nozes e romã que a Homa tanto adorava.

Inevitavelmente, depois dos nossos encontros frequentes para brincar, eu e Homa descíamos pelos degraus lisos e frescos de pedra que levavam à cozinha-caverna. E ali estava a mãe dela, sem xador, de saia e blusa floral, com os chinelos rotos, gastos num

conforto invejável. A Sara gatinhava por ali, a balbuciar e a bater com tampas de panelas enquanto procurava concretizar os seus objetivos estranhos, mas específicos. Eu e a Homa ficávamos lado a lado perto do grande fogão e de Monir Khanom, deleitando-nos com a forma de uma beringela ou a suculência de um limão.

E quando, ao fim de muitos meses, ganhei coragem para perguntar como a família dela podia comprar toda aquela comida — aquela quantidade impossível de cor e subsistência —, ela olhou para mim como se eu tivesse feito a pergunta mais ridícula.

— Por causa do sítio onde o meu pai trabalha, tontinha. Se assim não fosse, não teríamos como pagar nada disso.

— Eu achava que o teu pai era comunista.

Eu imaginara o *baba* da Homa a protestar nas ruas ou enfiado numa cave algures, a congeminar planos para derrubar o Xá.

— Os comunistas também trabalham! O meu pai é o *maître* do restaurante do Palace Hotel. Tudo o que não usam e que querem mandar fora ao final do dia, ele e mais uns quantos funcionários podem levar para casa. Não é uma sorte?

— Mas que sorte — comentei, enquanto a Sara esfregava a cara contra os meus tornozelos, como um gato.

Que sorte a de ter aquela mãe que confiava o suficiente na filha e em mim para nos ensinar a tratar da nossa própria comida e que nos fazia sentir competentes e responsáveis, com um respeito descontraído que eu nunca encontrara noutro adulto.

Que sorte a de ter um pai comunista com acesso a comida, um homem que eu nunca tinha conhecido, mas cujo rendimento e ausência de morte faziam com que a casa da Homa não estivesse sujeita aos caprichos de um tio.

Que sorte a de ter uma irmã bebé de olhos grandes e sempre a palrar, que chuchava no dedo e me sorria com alegria pura.

Que sorte a de ter tudo aquilo.

Eu adorava a casa dela e, quando voltava para a minha depois das nossas sessões de brincadeira e aulas de cozinha, regressando à frieza do espaço onde a mágoa da minha mãe reinava,

os confortos da Homa criavam em mim aquela dor particular e palpável da qual eu me envergonhava continuamente.

— Chegaste tarde — dizia a minha mãe, independentemente da hora a que eu voltasse.

— *Bebakhsheed* — respondia eu. *Perdoa-me.*

TEERÃO, DÉCADA DE 1950. Ellie, de 7 anos, vive uma vida confortável, até que a morte do pai a obriga a mudar-se com a mãe para uma pequena casa no centro da cidade. Solitária e suportando o peso das mágoas da mãe, Ellie passa os dias a sonhar com uma amiga. Felizmente, no primeiro dia de aulas, conhece Homa, uma rapariga de espírito corajoso e irreprimível. Juntas, as meninas brincam, aprendem a cozinhar na pequena casa de Homa, passeiam pelas tendas coloridas do Grande Bazar e partilham as suas ambições de se tornarem *Shir zan*, a expressão persa que significa «mulheres corajosas como leas».

Mas a sua amizade é interrompida quando Ellie e a mãe têm a oportunidade de regressar à antiga vida burguesa. Agora uma aluna popular na melhor escola secundária para raparigas, as memórias de Ellie sobre Homa começam a desvanecer-se. Anos mais tarde, porém, Homa reaparece no mundo privilegiado de Ellie e, à medida que as duas jovens atingem a maioridade e perseguem os seus próprios objetivos, tanto o passado como a violenta turbulência pela qual o país passa irão alterar implacavelmente o rumo das suas vidas.

Ambientada em três décadas transformadoras no Irão, *As Leas de Teerão* é uma exploração arrebatadora e comovente de como aqueles que conhecemos na juventude moldam as pessoas em que nos tornamos, o modo como amamos e a coragem que temos para transformar as nossas vidas.

«Uma história fascinante, reminescente de *O Menino de Cabul* e *A Amiga Genial*, com personagens cativantes que perdurarão nos corações dos leitores.»

BookPage



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-723-6



9 789895 837236